

Ética e Metafísica

Ethics and Metaphysics

Alfredo de Oliveira Moraes
(Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

Resumo

O autor apresenta em resumo, neste artigo, sua tese de que Ética e Metafísica se imbricam necessariamente, que a apreensão do significado de ética depende da base metafísica que orienta o pensamento, e, que, por constituir algo essencial para o existir humano a Ética não pode ser reduzida a um conjunto de normas, princípios e imperativos condicionantes da tolerância nas relações sociais e ecossistêmicas. O objetivo que pretende alcançar é oferecer um texto provocativo que possa instigar o debate.

Palavras-chave: Ética. Metafísica. Etos. Substância. Ethos.

Abstract

The author present, in short, in this paper, his thesis of what Ethic and Metaphysic they are imbricated necessarily, the apprehension of the sense of ethic depend on the metaphysical basis that guide the thought, in consequence, because the Ethic became something essential for the human to exist, Ethic cannot be reduced to a shape of norms, principles and imperatives conditioning of tolerance into the social and eco-systemics relationships. The objective is to offer a provocative text that can instigate the debate about.

Keywords: Ethic. Metaphysic. Etos. Substance. Ethos.

1 Preliminares

Num artigo científico o didatismo pode soar como pedantismo e subestimação ao conhecimento do possível leitor, daí peço licença pelo didatismo para esclarecer, logo de início, o ponto de partida de minha compreensão de Ética e que também define a perspectiva por mim adotada: qual a origem da palavra Ética? Como tantas palavras da nossa língua ética se origina do idioma grego, do qual deriva de duas palavras com a mesma fonética, sejam: *ethos* escrita com teta e *etos* escrita com *eta*, de uma vem o sentido de morada, abrigo protetor, da outra o significado de hábito, repetição dos mesmos hábitos, costume. (Cf. Lima Vaz – Escritos de Filosofia IV, p.13 – literalmente: “ethos (com eta inicial) designa o conjunto de costumes normativos da vida de um grupo social, ao passo que ethos (com épsilon) refere-se à constância do comportamento do indivíduo cuja vida é regida pelo ethos-costume”).

Portanto, ética não pode ser pensada apenas como norma de comportamento ou leis que regem a vida social. E como está indicado nesta raiz etimológica somente pode ser definida localmente ou comunitariamente, sua validade e legitimidade estão estreitamente vinculadas a vida de um povo, ao comunitário, diferentemente de uma lei ou, ainda mais precisamente, dos princípios de uma lei científica a ética não pode ter pretensões de universalidade imediata; assim como a sua existência emerge da cultura de uma comunidade, do espírito de um povo, o seu ordenamento jurídico ou sua consolidação em leis através do direito obedece igualmente a essa necessidade.

Ora, então como se relacionam Ética e Metafísica, considerando que a Metafísica, na sua intimidade com o

Ser opera sempre no Universal? A princípio ética e metafísica parecem não apenas diferentes, mas indiferentes entre si, chegando mesmo a constituírem áreas de pesquisa distintas nos programas de pós-graduação, contudo, basta um pouco de reflexão para que se dissipe essa confusão inicial e se instaure a relação de imbricação necessária entre ética e metafísica.

Minha reflexão irá se apoiar no pensamento de Hegel, daí que parece necessário revisitá-lo, ainda que brevemente, para então apresentar minha proposta argumentativa. Já li em textos biográficos sobre Hegel que ele seria entre os filósofos aquele que viveu o mais feliz dos casamentos, realmente, para qualquer um que tome como referência a correspondência entre ele e sua amada esposa tal afirmativa parecerá correta, é fácil perceber no seu relacionamento matrimonial a vivência dos seus conceitos e categorias filosóficas, não há abismo, nem mesmo fenda entre o que ele escreve e vive em qualquer de suas dimensões existenciais. Por isso, quando me pergunto sobre a razão dessa felicidade, uma me salta aos olhos, qual seja, a virtude da coerência. Hegel é, sem dúvida, permanentemente coerente consigo mesmo, nisso reside possivelmente a origem de sua famosa assertiva: “Pois feliz se diz àquele que se encontra em harmonia consigo mesmo.” (Hegel, G. W. F. - Lecciones sobre la filosofía de la historia universal, Introducción General, p. 88., Alianza Editorial, trad. De José Gaos, 4ª reimpresión, Madrid, 1989.).

Hegel não se exalta contra o ressentimento e se manifesta ressentido, não conclama solidariedade e desconhece o que é ser solidário, não escreve utopias negativas do Estado e põe no Estado o elemento necessário às revoluções futuras, aliás, utopia alguma

encontra abrigo no sistema hegeliano, pois a coerência lhe faz ater-se à busca incessante de traduzir o seu tempo em conceito; Hegel coloca a Liberdade como fio condutor da História e todo o seu sistema é um exercício de libertação. Afinal, “a consciência-de-si é para si mesma seu conceito; por isso é imediatamente o ir-além do limitado, e - já que este limite lhe pertence - é o ir além de si mesma.” (Hegel, G. W. F. - Fenomenologia do Espírito, §80, p. 76)

A virtude da coerência é a que mais faz falta à maioria dos críticos de Hegel, tanto que é verdade bem conhecida de que “muitos “ultrapassaram” Hegel, mas sem passar por ele. No caso de Hegel, é mais fácil superá-lo afirmando compreender Hegel melhor que o próprio, do que passar pelo tremendo trabalho de procurar compreender o que ele efetivamente disse.” (Bourgeois, B, Présentation, in Encyclopédie des Sciences Philosophiques I, pp. 07 e 08) A virtude da coerência também faz falta a muitos dos seus comentadores que, postados desde fora do Sistema, apontam corrigendas a fazer no pensamento hegeliano; outrossim, dos estudiosos de Hegel que buscam operar a sua supressão deve-se exigir a coerência de primeiramente pensar com ele.

2 O caminho de uma nova base para a Metafísica

Com efeito, logo no início do *Prefácio*, da *Fenomenologia do Espírito*, mais precisamente já no 2º parágrafo, Hegel explica de forma clara e concisa a sua compreensão do movimento dialético, aquela elucidação é definitiva e com ela Hegel parece indicar que esse é o parâmetro no âmbito do qual se desenvolverá todo o seu pensamento, a palavra mágica - Suprassumir - define o movimento interno da obra, a cada momento, na sucessão dos capítulos e em cada capítulo, algo é negado,

conservado e elevado e o pensamento mesmo de Hegel se suprassume. Sabemos, desde então, que a vida do Espírito é a vida que se suprassume infinita e eternamente. Assim, a perfeição divina não consiste em seu acabamento, sua completude, mas na plenitude de sua substância que é a Liberdade.

O Sistema de Hegel é a apresentação do Absoluto, tem o Absoluto como seu objeto e, simultaneamente, o seu sujeito, sua substância. E seria faltar com a coerência se houvesse algo fora do Absoluto, por isso “a vida de Deus e o conhecimento divino bem que podem exprimir-se como um jogo de amor consigo mesmo,” (Hegel, Fenomenologia do Espírito, §19, p. 35). Nós, espíritos finitos, não apenas fazemos parte desse jogo, mas somos seus protagonistas, somos o efetivo por meio do qual o Absoluto se mediatiza, se manifesta, se sabe e se diz de si mesmo. E no exercício da liberdade, somos imagem e semelhança.

Nesse sentido o Conceito, como a expressão mais plena do dizer que o absoluto faz de si mesmo, tem de ser omniabarcante, a verdade do verdadeiro que é o todo. Por isso a **Fenomenologia do Espírito** é dele um momento necessário, desde que aqui se compreenda a necessidade como algo que somente se revela *a posteriori*, a Fenomenologia como a escada a que o indivíduo tem direito para elevar-se da ignorância ao saber absoluto, antecede a ciência, mas já é ela mesma ciência e se desdobra na Lógica, na Filosofia da Natureza e na Filosofia do Espírito, momentos do Conhecer que é Ser em sua efetividade.

A advertência hegeliana de que o saber absoluto é condição *sine qua non* para fazer ciência tem sido, com frequência, negligenciada; aos leitores da Fenomenologia

cabe, portanto, advertir que esse livro não foi escrito para ser simplesmente lido, mas para ser reescrito em cada leitura, ser experimentado, vivenciado, tornado parte do espírito do leitor na revelação final em que o leitor se desvela para si mesmo como o espírito que se sabe como espírito.

Nada mais fácil de entender o que é *ser espírito que se sabe como espírito*, e, paradoxalmente, nada mais difícil do que se perceber, de se apreender assim, sobretudo, após o século 20 e o domínio hegemônico que nele exerceu o positivismo, o formalismo e uma metafísica de base material, que não obstante ter sido ultrapassada pelo saber mesmo que produziu e também, paradoxalmente, destronou a substancialidade da matéria, segue sendo, na medida mesma em que serve ao poder dominante, o pensamento oficial de nosso tempo, que no jogo de forças da sociedade civil põe-se a si mesmo como pensamento único, em termos de validade e interpretação de nossa realidade. Com efeito, como já disse em outra ocasião, a voz de Hegel - silenciada e/ou deturpada pelo estigma de obscuridade - permanece sendo *divergente* e os que ousam reivindicar que essa voz seja ouvida são os *insurgentes*, porque opõem o sistema hegeliano ao sistema de crenças, que agora tem na ideologia do politicamente correto seu melhor aliado.

E se saber a si mesmo como espírito é a condição, como isso é possível num contexto em que se estuda o cérebro para explicar a mente como seu subproduto ou, o que é o mesmo, num mundo que esquecendo Descartes toma a coisa extensa como causa da coisa que pensa? O sistema de crenças vigente faz com que as pessoas acreditem que têm alma como um bem ou produto que se possui, faz com que elas esqueçam ou não saibam que “o

espírito se diferencia da alma - que é, por assim dizer, o termo mediador entre a corporalidade e o espírito, ou o vínculo entre os dois. O espírito, enquanto alma, está imerso na corporalidade, e a alma é o princípio vital do corpo." (Hegel, Enciclopédia das Ciências Filosóficas, p. 96, §34.)

Urge, portanto, fazer a correção da suposta inversão hegeliana, pois não é o fenômeno que produz a consciência e muito menos a consciência que produz o fenômeno, mas a consciência é a relação que se estabelece no ato de produção do conhecimento do fenômeno, seja ele interno ou externo à Consciência-de-si, perdoem-me, mas insisto em usar esta forma hifenada em vez de autoconsciência como quer a ideologia do politicamente correto. Isso posto, delinea-se a razão pela qual a Fenomenologia compreende-se como o primeiro momento necessário para a construção da nova base da Metafísica.

Já ressaltai em texto anterior e aqui volto a insistir que a ironia grosseira, superficial e carente de conhecimento se compraz em repetir jocosamente que Hegel pensou o que Deus pensou antes de pensar, na verdade, um pouco de conhecimento basta para dissipar o suposto motivo de riso implícito nesta frase. Novamente, a virtude da coerência fez Hegel enunciar, entre outras assertivas, que *o que é racional é efetivo e o que é efetivo é racional*, (literalmente: "O que é racional, isto é efetivo; e o que é efetivo, isto é racional." Hegel, G. W. F. – Linhas fundamentais da filosofia do direito, ou, Direito natural e ciência do estado em compêndio. Trad. Paulo Meneses. [et al.]. Prefácio, p.41.), ora, significa dizer que não há realidade efetiva que não possa ser apreendida pela razão e bem sabemos que tudo o que é racional somente o é

porque pode ser objeto do logos, da razão e ser posto no discurso filosófico, na fala que deve se guardar de ser edificante para ser plena de sentido.

Ora, justamente para não pensar abstratamente Hegel não se permitiu admitir em seu sistema nenhum pressuposto, nenhuma verdade que não pudesse ser demonstrada racionalmente, nenhuma evidência apodítica que dispensasse sua demonstração racional. Por conseguinte, na Fenomenologia onde apresenta uma teoria do conhecimento em seu desenvolvimento imanente, começa na Certeza sensível, no momento mesmo em que a consciência-de-si carente de todo saber acredita ter o mais rico saber por nada abstrair do objeto de seu saber e, ao descobrir a miséria desse saber, instigada pelo filósofo que a provoca, inicia o movimento que resulta na consecução do saber absoluto, no jogo das mediações, perpassado por figuras e momentos, que no exercício da liberdade das experiências vivenciais eleva a si mesma ao saber de si mesma como espírito, ponto de partida para a efetividade do conhecer que é ser.

Nas palavras do próprio Hegel:

“Na minha *Fenomenologia do Espírito* – que, por isso, quando se publicou foi designada como a primeira parte do Sistema da Ciência – tomou-se o caminho de começar pela primeira [e] mais simples manifestação do espírito, *pela consciência imediata*, e de desenvolver sua dialética até ao ponto de vista da ciência filosófica, cuja necessidade [Notw.] é mostrada através dessa progressão.” (Hegel, Enciclopédia das Ciências Filosóficas, p. 87, §25)

Com efeito, suprassumido o momento inicial do saber no espírito que se sabe como espírito, se está apto a fazer Ciência, a trilhar o caminho que conduz do saber

absoluto ao conhecer absoluto, aqui novamente nada se pode pressupor, o começo é também o imediato – o ser carente de toda determinação, “o ser é o primeiro pensamento puro, e seja o que for por onde aliás o começo se faça (pelo $Eu=Eu$, pela indiferença absoluta, ou pelo próprio Deus) essa outra-coisa antes de tudo é só algo representado, e não pensado; e que ela, segundo seu conteúdo-de-pensamento, é só justamente o ser. (...) Ora, esse puro ser é pura abstração, e portanto o absolutamente-negativo que, tomado de modo igualmente imediato, é o nada.” (Hegel, id., p. 178, §§86 e 87)

Assim, se na Fenomenologia se começa pela imediatez da consciência-de-si, no começo da ciência a imediatez é o ser que é o nada, cuja diferença entre um e outro reside tão somente na intencionalidade do sujeito cognoscente. A pergunta que se fez, um pouco mais de um século depois de Hegel – por que o ser e não o nada? Revela-se assim inessencial ou revela um desconhecimento do texto hegeliano ou, talvez, uma recusa à aceitação de reconhecer verdadeiro o texto.

De todo modo: “O que importa é, justamente, a consciência sobre esses começos, a saber, que não são outra coisa que essas abstrações vazias, e que cada um dos dois [ser e nada] é tão vazio quanto o outro. O impulso para encontrar no ser, ou nos dois, uma significação firme é essa necessidade mesma que leva adiante o ser e o nada, e lhes dá uma significação verdadeira, isto é, concreta. (...) A reflexão, que encontra para eles determinações mais profundas, é o pensar lógico, por meio do qual tais determinações se produzem, não de modo contingente, mas de modo necessário. Cada significação subsequente, que recebem, deve, portanto,

ser vista como uma determinação mais precisa e uma definição mais verdadeira do absoluto. (Hegel, *ibid.*, p.179, §87)

Com efeito, contrariando o estigma de obscuro, Hegel é bem simples na apresentação inicial de sua Metafísica: “o nada, enquanto esse nada imediato, igual a si mesmo, é também, inversamente, o *mesmo* que o *ser*. A verdade do ser, assim como do nada, é, portanto, a *unidade* dos dois: essa unidade é o *vir-a-ser*.” (Hegel, *ibid.*, p.180, §88).

Assim, a primeira manifestação do ser ou sua fenomenização entitativa ou constitutiva de todo ente, ela mesma ainda um não-ente no sentido da tradição, é o vir-a-ser. O vir-a-ser é o ser e o nada como relação, e por isso nele se determina a essência de todo ente – ser relação. Tudo o que é, tudo o que existe é relação, essa é a base que se oferece como fundamento de uma nova Metafísica. Eis porque a substância é essencialmente sujeito, e esse sujeito se torna efetivo como consciência-de-si que no final do processo em que culmina seu devir é espírito, cuja manifestação mais simples se diz Eu, cuja apreensão mais adequada assevera que o *Eu é o conteúdo da relação, o relacionar-se e o relacionar-se a si mesmo*.

Com efeito, “o ser no vir-a-ser, enquanto um com o nada, e assim o nada, enquanto um com o ser, são apenas evanescentes: o vir-a-ser, por sua contradição dentro de si mesmo, colapsa na unidade em que os dois são suprassumidos; seu *resultado* é, pois, o *ser-aí*”. (Hegel, Enciclopédia das Ciências Filosóficas. p.185, §89) O ser-aí é a suprassunção do vir-a-ser enquanto relação do ser e do nada, que como o *algo*, o ser determinado, é a contradição de ter a sua negação em si mesmo, a negação como *arké* da finitude traz a diferença para o interior, negando a

diferença entre ser e ente como mera exterioridade, essa ingenuidade nada ingênua que nega a absolutidade do Divino e reduz Deus a um finito superlativo.

Ora, a consumação da Metafísica hegeliana, nesse ponto, ainda se encontra longe de alcançar sua plena efetivação, mas doravante o processo se adensa em determinações, o ser-aí enquanto a verdade do vir-a-ser há de se aprofundar, diz-nos Hegel: “Um tal aprofundamento do vir-a-ser em si mesmo nós temos, por exemplo, na *vida*. A vida é um vir-a-ser, mas seu conceito não se esgota nisso. Em uma forma mais alta, encontramos ainda o vir-a-ser no *espírito*. Esse é também um vir-a-ser, mas um vir-a-ser mais intenso, mais rico que o vir-a-ser simplesmente lógico. Os momentos, de que o espírito é unidade, não são os meros abstratos do ser e do nada, mas o sistema da ideia lógica e da natureza.” (Id., pp.184, 185, §§88,89).

Até aqui, indiquei o esforço necessário para se apreender a Metafísica hegeliana, e no momento não pretendo ir mais longe, quero passar ao que foi velado no título e implícito no que expus, mas não sem antes citar mais uma vez o ‘nosso filósofo’ (expressão carinhosa usada pelo meu inesquecível mestre Paulo Meneses): “O conhecer, já contido na ideia lógica simples, é apenas o conceito, por nós pensado, do conhecer; não o conhecer para si mesmo, nem o espírito efetivo, mas simplesmente sua possibilidade. O espírito efetivo, que é nosso objeto somente na ciência do espírito, tem a natureza exterior por sua pressuposição mais próxima, como tem a ideia lógica por sua pressuposição primeira. Por isso, como seu resultado último, a filosofia da natureza – e a lógica, imediatamente – deve ter a prova da necessidade do conceito do espírito.” (...) Essa verdade da necessidade é,

por conseguinte, a liberdade; e a verdade da substância é o conceito. (Hegel, Enciclopédia das Ciências Filosóficas, III – A Filosofia do Espírito, p. 15, §381 Adendo, e Enc. das Ciências Fil., I – A Ciência da Lógica, p. 287, §158)

O que pretendia com esse revisitar Hegel? Na verdade, a intenção era e é indicar minimamente a possibilidade de uma metafísica de base não-material, em linguagem hegeliana de base espiritual, em termos atuais, segundo minha compreensão, de base relacional. E, a partir daí apresentar, resumidamente, minha proposta de uma reflexão Ética fundamentada nessa nova base Metafísica.

3 A Metafísica de base relacional e suas exigências Éticas

O pensamento ancorado na metafísica de base material quando se propôs a refletir sobre a condição humana no pós segunda guerra mundial, tentava compreender o humano a partir da premissa de que por efeito das catástrofes do início do século 20 o ser humano se encontrava descentrado e fragmentado, daí o que importava era trazê-lo de volta ao centro de si mesmo (isso porque ainda permanecia ou permanece a ideia de sermos o ápice da evolução e , por isso mesmo centro do universo) e reconstituí-lo em seus fragmentos, emendando suas partes. Isso combinado com um uso desmedido e inadequado do princípio metodológico de raiz cartesiana (que pena de Descartes!), segundo o qual para se resolver um problema se deve reduzi-lo às suas partes mais simples, se empreendeu um especialismo que buscava compreender cada um desses fragmentos e como na montagem de um quebra-cabeça encontrar onde cada um se encaixa no outro para recompor o todo.

Essa perspectiva ignorava até mesmo as contribuições essenciais da ciência, que vieram à tona através da Física (atômica, quântica), da química leve, da astrofísica (que ampliou o nosso universo para além da via Láctea) e da novíssima Cibernética que nos ensina que pensar em termos de Sistema implica na compreensão elementar de que há sistemas abertos (negentrópicos) e sistemas fechados (entrópicos). Enfim, todo o conhecimento produzido desde então foi sistematicamente ignorado pelos pretensos filósofos coetâneos à sua produção, ocupados em ‘decifrar’ as minúcias dos textos filosóficos legados pelos grandes filósofos, esqueceram de que a filosofia somente é possível no diálogo com os demais saberes e com a realidade efetiva. Outrossim, tais pretensos filósofos por se encontrarem dentro da floresta perderam-se entre as árvores e não viram a floresta, tomaram a metafísica da tradição herdeira de Tales como a única metafísica e percebendo a sua insuficiência em apreender a realidade desvelada diante deles pelos novos saberes científicos, denunciaram o fim da metafísica. Urge salvar a Filosofia desses ‘filósofos’!

Apoiando-me em outra base, numa metafísica de base relacional, é mister pensar o mundo, o universo e a nós mesmos; do mundo sabemos que não é redutível à fisicalidade, pois é uma totalidade dinâmica de significados; do universo sabemos de sua infinitude, da indissociabilidade de suas figuras e momentos, do entrelaçamento quântico de suas igualmente infinitas dimensões, das ondas gravitacionais, dos neutrinos, da ‘matéria translúcida’ que outrora chamamos de matéria escura, das galáxias que estão a 13,4 bilhões de anos-luz de nós no limite do que chamamos visível, dos quarks, do

jogo das forças e tudo mais que o constitui; e, de nós o que sabemos? Referenciando-nos na metafísica de base material construímos um saber quase que totalmente equivocado do que somos, de quem somos, agora sabemos que o que fizemos foi tentar apreender a realidade humana a partir de uma base conceitual inadequada, numa metáfora: queríamos entender essa complexidade crescente com uma redução da Razão ao Entendimento, usar instrumentos conceituais e categorias tão impróprios quanto o é um martelo para consertar um smartfone ou uma foice para ceifar um neutrino.

A Substância é sujeito! O sujeito se manifesta na realidade efetiva como consciência-de-si, como eu, o Eu é o conteúdo da relação, o relacionar-se e o relacionar-se consigo mesmo e nisso apenas repito e concordo inteiramente com Hegel. Tudo é relação e relação de relação, não há coisas que se relacionam, mas totalidades dinâmicas de relacionamentos conectivos e conectados (entrelaçamento quântico) no interior do Todo, desse jogo de Amor consigo mesmo. *O Todo se realiza em suas partes, já o sabemos.*

Como pensar o humano nesse contexto, considerando que para pensar uma Ética temos de perguntar para quem? Eis o imenso desafio que proponho, sabendo desde já que somente poder ser respondido: a) se não hipostasiarmos os saberes em separatividades e, b) se aceitarmos que isso não é uma quimera, uma impossibilidade absoluta frente às forças econômica e politicamente dominantes, mas um sonho que se compartilha e que por isso é começo de realidade. E já nos encontramos em situação similar à que viveu Descartes, como ele, temos de continuar convivendo enquanto construímos esse novo saber, por conseguinte,

precisamos de uma Ética provisória, no entanto, não podemos estatuir princípios *a priori*. Daí a necessidade de pensar uma Ética no sentido de **ethos** e **etos**, como assentei no início, e não em termos de imperativo, de normatividade ou de princípios de imediata validade universal.

Se todos os entes são totalidades dinâmicas de relações, o que nos diferencia, então? Nossa peculiaridade, assim penso, reside em que nossa singularidade é, também e precipuamente, um relacionar-se consigo mesmo a partir do relacionar-se com todo outro, o que implica dizer, um retornar a si mesmo a partir de um extrusar-se na relação com o outro, sobremodo, quando esse outro é outro de si mesmo. Esse eterno retorno a si mesmo é o que caracteriza a consciência-de-si, não confundir com consciência crítica, esta é uma relação de equilíbrio entre estar imerso e emerso na totalidade de relações que constituem a realidade na qual cada um está experienciando, pois essa confusão poder ter levado Kierkegaard a renunciar ao sistema hegeliano.

Com efeito, o próprio de uma totalidade dinâmica de relações é a evanescência, de modo que as 'cobranças' do passado ou, infelizmente, ainda presentes de que cada indivíduo humano para agir eticamente teria de ter caráter firme, personalidade inquebrantável, virtudes imutáveis, fixidez obstinada em suas metas e propósitos - e hoje sabemos que boa parte disso advém de um uso exacerbado dos princípios da lógica aristotélica -, tais exigências teriam de ser abandonadas ou invertidas/revertidas em favor de uma personalidade dinâmica, fluida e mutante, mas ao mesmo tempo comprometida consigo mesma no outro e responsável por si mesma no exercício de sua substância = Liberdade,

consciente de que sua liberdade somente se torna efetiva quando encontra a liberdade do outro. Isso mesmo, pois quando na base material dizíamos que a 'liberdade de um acaba quando começa a do outro' estávamos expressando algo como uma propriedade de terra que acaba quando começa a do vizinho.

É um pensar relacional implícito que faz Hegel, em suas Lições de Filosofia da História, asseverar que a liberdade de um é mera abstração vazia, por isso a marcha de realização da ideia de liberdade na epopeia humana na Terra começa, verdadeiramente, nos rudimentos de democracia da Grécia antiga, quando alguns são livres. Ora, já dá para perceber quanto esforço será necessário para substituir formas de pensar, atitudes, comportamentos e diretrizes existenciais na perspectiva de uma metafísica de base relacional.

'Conhece-te a ti mesmo', o famoso édito do templo de Delfos, encontrava como primeiro obstáculo para a sua realização, segundo Lewis Mumford: "o amor-próprio, um orgulho protetor que não só serve para manter o respeito pessoal como para cobrir brandamente todas as nossas fraquezas." (Mumford, L. – A Conduta da Vida, p.307). Segundo compreendo, esse seria o segundo obstáculo, pois o primeiro seria pensar a si mesmo a partir da concepção de uma metafísica de base material e tudo o que isso implica.

A introspecção que o 'conhece-te a ti mesmo' evoca na perspectiva da Metafísica de base relacional não é mais um fechar os olhos para 'ver' o próprio interior, mas um compreender que na medida em que somos cada um a série de seus atos e a conexão entre esses atos mediados pelo seu ser-com-outro, ou seja, seu ato só é compreendido quando fenomenizado no contexto das

suas relações constitutivas; assim, conhecer a si mesmo não é mais a formação mental de uma imagem auto idealizada, mas, a apreensão viva das suas relações existenciais, e seu interior, conquanto, é somente o exterior interiorizado mediado por suas determinações originárias, pode melhor ser conhecido por seu agir-no-mundo e o fluxo contínuo que seu ser-fenômeno plasma no outro (mundo e pessoas).

Segundo Hegel o maior erro do Iluminismo foi, no que diz respeito ao conhecimento, 'jogar o bebê fora junto com a água do banho', isto é, jogar no lixo o saber produzido na história da humanidade pela dimensão de profundidade do humano - pela religião ou pela expressão da religiosidade ou ainda espiritualidade. Mas, de tal maneira se acentuou a posição do Iluminismo que na Academia atualmente a simples menção da palavra espírito já provoca os mais estranhos arrepios. Creio, no entanto, que é chegado o momento de corrigir esse erro do Iluminismo que contaminou todo o saber produzido a partir do que chamamos de tempos modernos ou Modernidade. Resgatar o conhecimento do humano em sua integralidade e numa base mais adequada, pois não somos apenas a materialidade aparente, mas verdadeiramente espíritos que vivenciam uma experiência humana.

Com efeito, para Hegel o cristianismo era a religião dos tempos modernos e até onde pude perceber essa posição se deve ao fato do cristianismo ter sido a primeira manifestação de religiosidade a representar (lembramos que o conhecimento nesse âmbito se apresenta na forma de representação, isto é, parábolas, metáforas etc.) o indivíduo humano como pessoa, compreensão que só em Kant começa a ser traduzida em conceito (o ente humano

é o único capaz de encontrar um fim em si mesmo) quase dezoito séculos depois de sua anunciação.

Não desconheço que o sistema de crenças vigente e nele a crença axial no materialismo que grassa, sobre maneira, entre os 'Phdeuses' do saber 'científico' dominante na academia ou usando uma expressão de Marx, na comunidade dos 'epígonos impertinentes, arrogantes'¹; beneficia e muito aos que exercem a hegemonia no jogo de forças das relações econômicas de efeito político na realidade contemporânea, o que cria uma blindagem que tanto preserva esse materialismo como impede qualquer tentativa de um pensar diferente, malgrado se falar tanto em respeito à diferença; mas, sigo acreditando que a Filosofia é, também e principalmente, um ato de ousadia e por isso, ousou; reivindico um lugar para a dimensão de profundidade humana no âmbito do conhecer filosófico, e o faço sem pieguismo, sem preconceito, sem rotulação e sem dogmatismo, peço que não se confunda essa minha posição com algum tipo de ecletismo ou com a pretensa imparcialidade do positivismo.

Creio que será um bom ponto de inflexão começar com Descartes, que usando o princípio metafísico de que a causa deve ter tanta ou mais realidade substancial do que o efeito, em suas palavras: "... o que é mais perfeito, isto é, o que contém em si mais realidade, não pode ser

¹ Em seu Prefácio à 2ª edição de O Capital, Marx escreveu: "No entanto, precisamente na altura em que preparava o primeiro volume de O Capital os epígonos impertinentes, arrogantes e medíocres que então dominavam na Alemanha culta, compraziam-se em tratar Hegel tal como, no tempo de Lessing o bravo Moses Mendelsshon tratava Espinosa: como um cão morto." (Cf. citado in Giuseppe Bedeschi - Marx. Trad. João Gama. Lisboa, Edições 70, 1989).

uma decorrência e uma dependência do menos perfeito.” E, “que uma substância, para ser conservada em todos os momentos de sua duração, precisa do mesmo poder e da mesma ação, que seria necessário para produzi-la e criá-la de novo, caso não existisse.” (Descartes, R. Meditações, 3ª, pp. 144, 154).

Ao que acrescento o que disse o mesmo Descartes:

No que se refere aos meus pais, aos quais parece que devo meu nascimento, ainda que seja verdadeiro tudo quanto jamais pude acreditar a seu respeito, daí não decorre todavia que sejam eles que me conservam nem que me tenham feito e produzido enquanto coisa pensante, pois apenas puseram algumas disposições nessa matéria, na qual julgo que eu, isto é, meu espírito – a única coisa que considero atualmente como eu próprio – se acha encerrado. (Descartes, R. Meditações, 3ª, p.156).

Eis a grandiosidade da ousadia do filho intelectual dos Jesuítas do Colégio de La Flèche, afirmar argumentativamente que somos espíritos criados pelo Espírito Perfeito – Deus, a participação dos pais se resume a fornecer algumas disposições nessa matéria (DNA) a partir das quais o indivíduo humano pode se manifestar como espírito. E ao adicionarmos a supressão do **cogito** cartesiano no **cogitamus** hegeliano, isto é, quando saímos do solipsismo do Eu penso para a apreensão do Eu como um nós que é um Eu, na totalidade dinâmica de um relacionar que toma para a construção de sua identidade o conteúdo gerado e vivenciado em cada relacionar-se com o outro e consigo mesmo; vislumbramos os instrumentos conceituais que nos permitem o ‘conhece-te a ti mesmo’ dadas as exigências do saber atual.

Contudo, neste ponto em que começamos a

adentrar nessa compreensão do ente humano, o amor-próprio aludido por Mumford, com a força do hábito de pensar materialmente, nos remete à 'zona de conforto'; pois não queremos esse eu, queremos permanecer naquele eu *a priori* e imutável, não queremos o esforço um tanto hercúleo de nos elevarmos a cada instante dessa eternidade que vivemos até o saber absoluto e começar de novo e renascer sempre em alguma das muitas moradas do Pai. Eu epifenômico, evanescente, um sistema vivo sempre tendente à complexidade, paradoxalmente condenado à liberdade de se recriar sempre num horizonte de possibilidades infinitas. Que belo desafio somos para nós mesmos!

O Cristianismo novamente nos socorre, não joguemos fora o saber que nos foi legado antes do iluminismo, ainda que em forma de representação, eis a boa nova cristã: Deus é Amor! O Amor não é um sentimento vazio, vago, fantasioso e sim é a mais radical relação, que como o nexa primordial liga todas as partes (totalidades dinâmicas de relações) na constituição do Todo, do Absoluto, do Espírito Infinito cuja Substância é a Liberdade, do qual nos diz a revelação cristã que somos feitos à imagem e semelhança; em nós essa liberdade se traduz na inquietude que somos por não compreendermos que a necessidade e o desejo de ser si mesmo que nos move a cada um na existência, longe de ser fonte de desespero, é a nossa dignidade diferencial. É o fardo leve que devemos carregar com a alegria de sermos cada um responsável por si mesmo de forma inalienável; resguardados no Amor realizamos nossa essência de ser somente no mútuo reconhecimento construído nas relações existenciais, através das quais efetivamos nosso processo de evolução e realizamos na

História a ideia de Liberdade.

Na tradição metafísica de base material está posto que a essência de uma coisa é constituída pelas propriedades imutáveis da mesma, que caracterizam sua natureza, enquanto, na proposta de metafísica de base relacional que apresento a essência de uma coisa é constituída pelas determinidades que no fluxo das metamorfoses se manifestam na resiliência de uma coisa. Por não sermos meramente uma coisa não temos essência *a priori* definida e definidora de nossa existência e de nosso destino, nossa essência é um construto que compartilmos nas relações com o outro e conosco mesmo, considerando que a nossa única determinidade é a liberdade, que no fluxo e influxo da série de atos conectivos e conectados que nos constituem alimenta a nossa resiliência; assim, a metáfora da morada/abrigo protetor que se encontra numa das raízes da Ética vem a ser imprescindível para o nosso existir.

Com efeito, se o meio ambiente – o entorno imediato – é para nós apenas uma espécie de insumo para a construção do nosso mundo, como totalidade dinâmica de significados, precisamos compreender que a nossa relação com esse meio não pode ser predadora/destruidora, antes devemos ressignifica-lo como **morada/abrigo protetor** ou dito mais precisamente como **lar**; de modo que a sua preservação por nós implica não apenas a sua proteção, mas o cuidado de permitir/contribuir para que tudo que nele há possa alcançar a plenitude de seu desenvolvimento, operando assim a suprassunção dessa totalidade; e, na vivência desse mútuo pertencimento que nos faz um com o Todo, também nos elevarmos espiritualmente, desenvolver as infinitas possibilidades que se abrem diante de nós e em

nós - eis a excelência da conexão excelsa que é Amor.

Outrossim, a outra raiz etimológica de ética como **hábito e costume** é igualmente coessencial à nossa existência, não fosse pela automação de certos atos e atitudes presentes na nossa manutenção, ou seja, na provisão das condições e situações necessárias ao existir humano e cuja automação adquirimos por força do hábito e sua repetição, não poderíamos mudar a direção do olhar no sentido de nossa elevação espiritual, não poderíamos inventar e reinventar significados para a ampliação de nosso mundo, não poderíamos diversificar no uso da técnica/tecnologia os meios de produção da existência, enfim, não poderíamos aprofundar e expandir o conhecimento do universo em suas múltiplas dimensões e de nós mesmos – entes de complexidade crescente.

Há de se ressaltar que essa complementariedade necessária entre **ethos** e **etos** torna evidente a impossibilidade de separação entre ética e vida, ou melhor, entre ética e vivo (todo e qualquer sistema vivo), pois vida como diria Hegel é uma abstração ou uma qualidade do que é vivo; no sentido em que estou expondo é a ética que sustém para nós a vida, o que faz com que o termo bioética seja apenas um pleonasma nascido da carência de conhecimento e de reflexão, que se tornou ‘modismo’ graças a ação dos meios de comunicação social e dos interesses que estão em seu plano de fundo (dar ares de cientificismo/especialista às pesquisas em busca de financiamento etc.).

Aqui também vale explicitar que são coisas diferentes: a) que não se possa ter uma Ética universal sem as mediações necessárias à sua implementação e, b) que haja valores universais que não necessitam de mediações, como é o caso da vida, aliás, a vida está além

do bem e do mal, é de valor infinito e intrinsecamente universal, daí deve ser defendida em todas as suas manifestações e a vida do espírito tem valor absoluto; enquanto, por exemplo, a Liberdade é da essência da condição humana, por isso não é um valor, por essa razão aquele que abdica de sua liberdade para preservar a vida fica reduzido à coisidade. Repito e acrescento: a ética sustém a vida do espírito e propicia, através da biunívoca relação entre disciplina (com todos os matizes que essa palavra implica: responsabilidade, equilíbrio...) e amor (o nexó originário do universo e do humano), a realização da ideia de liberdade na história.

Por conseguinte, pode-se dizer com veemência, que o agir ético não é uma escolha ou uma imposição normativa que devemos aceitar como parte da tolerância para a convivência social e ecossistêmica, na perspectiva da metafísica de base relacional, trata-se de uma exigência ontológica-existencial *sine qua non* para que o espírito, que somos nós, torne factível a sua existência e alcance a verdade da certeza de si mesmo no 'conhece-te a ti mesmo', apreenda e realize um conhecer que é ser.

Uma conclusão seria, neste ponto, apressada; considerações finais aplicam-se a uma exposição à guisa de conclusão, de certo modo é cedo para encerrar o texto e tarde para dar continuidade, considerando-se o propósito a que se destina – instigar uma reflexão sobre a relação entre Ética e Metafísica. Outrora, tivemos a Ágora física onde os cidadãos atenienses se encontravam para dirimir suas questões e debater sobre ações, no presente temos a Ágora Filosófica, um lócus privilegiado que em tempos de virtualidade se oferece como instância comunicativa para manter acesa entre nós a chama da reflexão filosófica. Melhor, então, convidar aos possíveis

leitores a persistir na navegação desse caudaloso rio, tanto revisitando rotas já abertas, como navegando além do horizonte, no qual ninguém jamais chegou e somente a ousadia pode alcançar!

Referências

BEDESCHI, G. **Marx**. Trad. João Gama. Lisboa, Edições 70, 1989.

BOURGEOIS, B. Présentation in Hegel, G. W. F. **Encyclopédie des Sciences Philosophiques**, I. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1986.

DESCARTES, R. **Meditações**. Trad. J. Guinsburg/Bento Prado Júnior. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**, I – A Ciência da Lógica. III – A Filosofia do Espírito. – Trad. Paulo Meneses/José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEGEL, G. W. F. **Lecciones sobre la filosofia de la historia universal**. Trad. José Gaos. Madrid, Alianza Editorial, 1989.

HEGEL, G. W. F. **Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio**. Trad. Paulo Meneses *et al.* São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2010.

HEGEL, G. W. F. **Phänomenologie des Geistes**. – 3.ed. – Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

LIMA VAZ, H. C. de. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1999.

MUMFORD, L. **A Conduta da Vida**. Trad. Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.

Alfredo de Oliveira Moraes

Doutor em Filosofia pela UFRGS; Professor Titular do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

E-mail: alfredodeoliveiramoraes@gmail.com

Submetido: 22/11/2020

Aprovado: 17/01/2021